

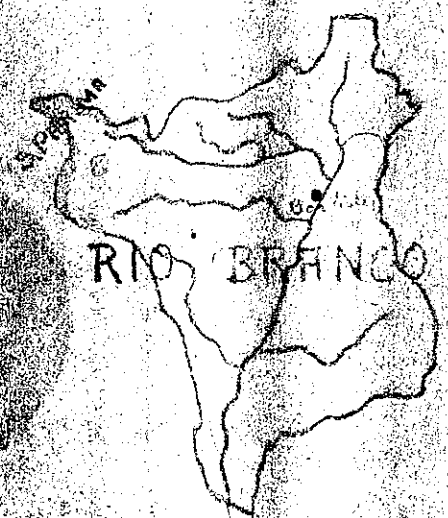
CEDI - P. I. B.
DATA 01, 04, 87
COD 03001

Noticias do

Rio Branco

Brasil

1961



APRESENTAÇÃO

Ao Revmo. e caríssimo Padre Superior Geral, pelas mãos abençoadas de
nosso bondoso e querido Padre Superior Regional, oferecemos êste peque-
no trabalho, fruto de grande sacrifício, coleção de pequenos minutos,
arranjados entre o imenso trabalho da cidade e do interior.

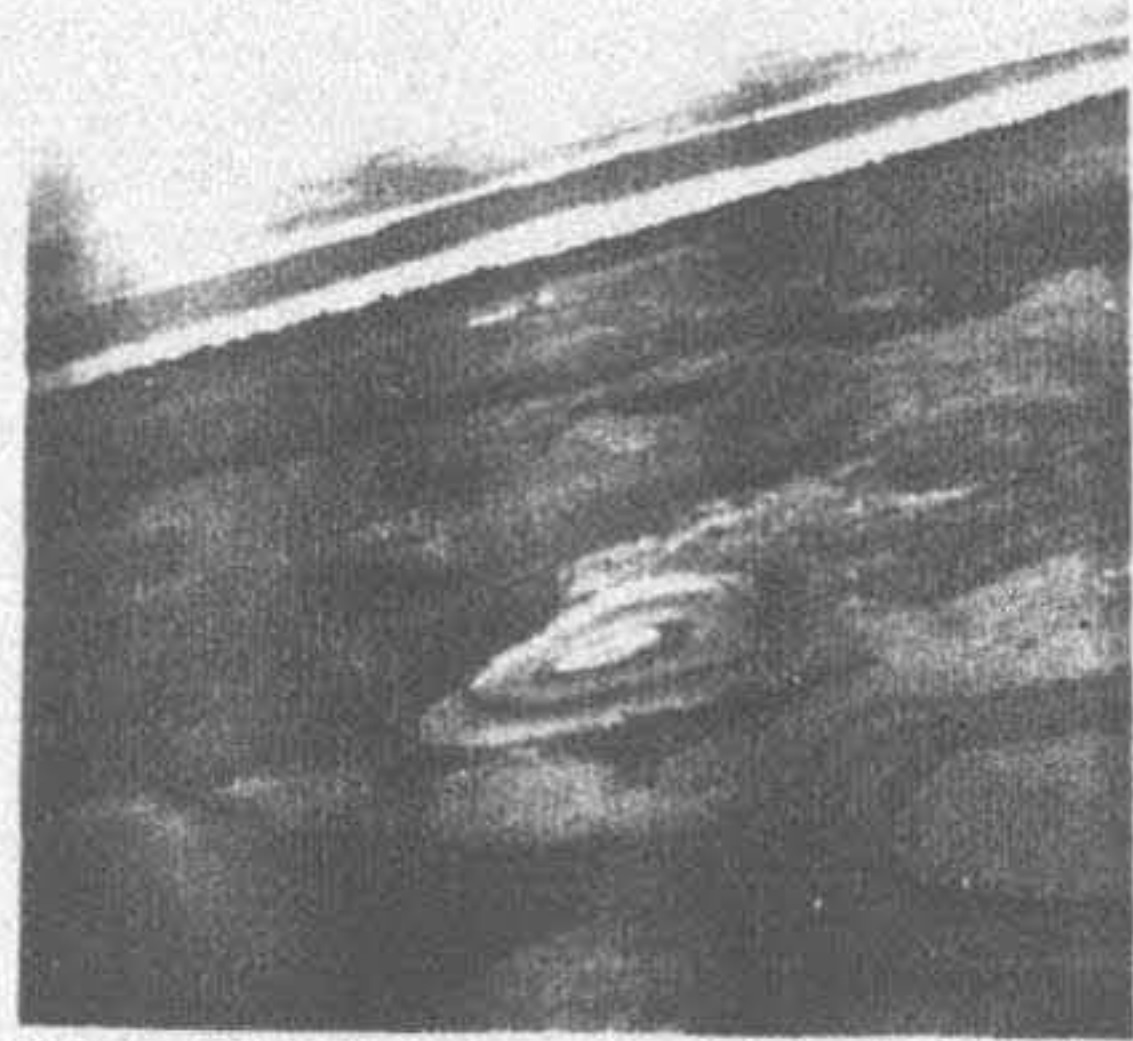
É nosso constante desejo, multiplicar estas relações, para utilidade de
nossas obras e pela maior glória de Deus e da Virgem Santa, mas nos de-
vemos accontentar com os poucos instantes retalhados de dia e da noite.
Em troca, queremos apenas que perdoem os erros certamente encontrados
nêste resumo e nos garantam uma prece em favor do nosso labor missio-
nário.

Para os seminaristas, desejamos que ao lerem estas crônicas missionárias,
aumentem o desejo de entrarem na ativa pela glória de Deus e a salvação
das almas.

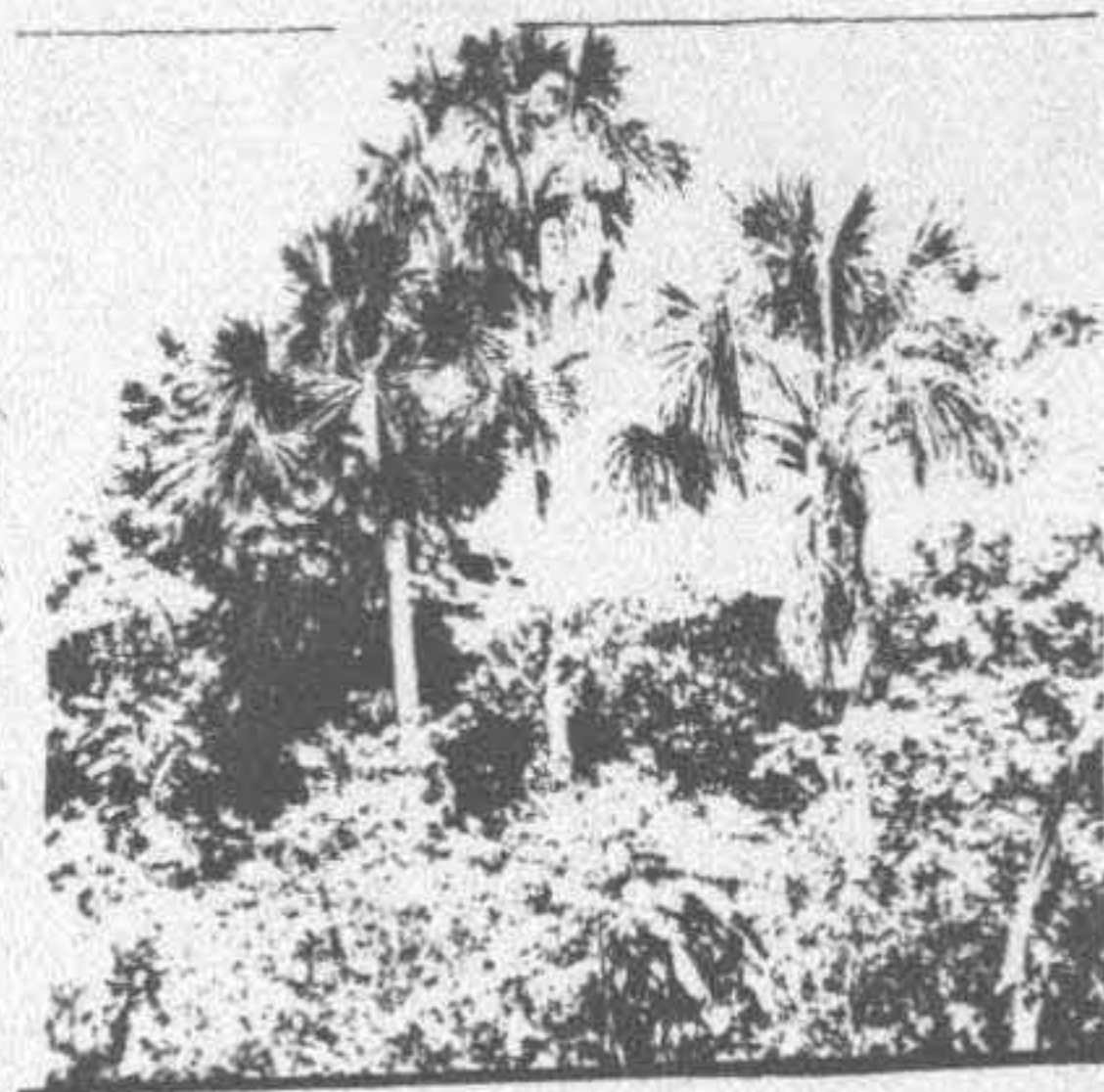
Dómine, dá nobis animas, réliqua tolle.

Senhor, dai-nos as almas, e tirai-nos o resto.

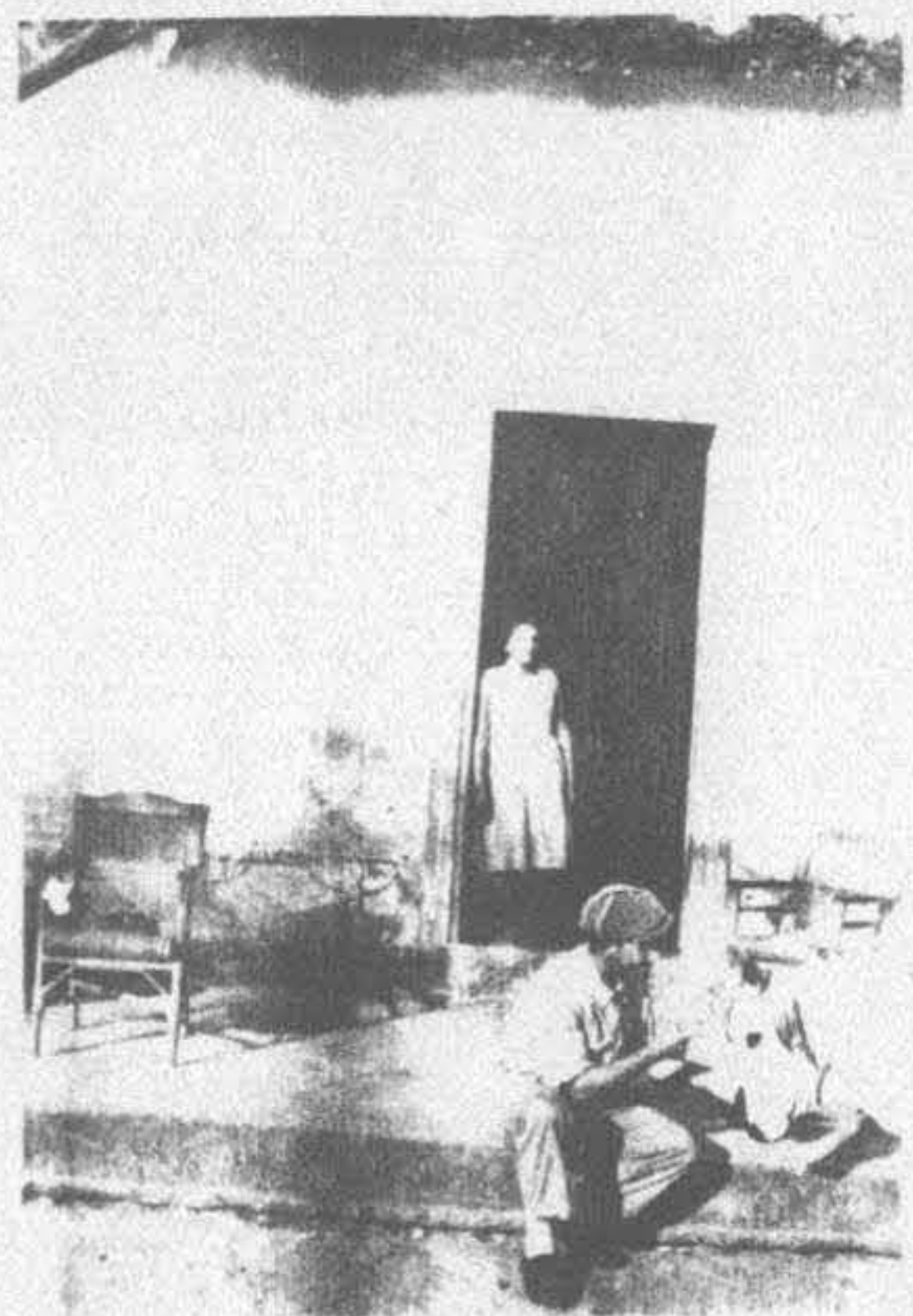
Os missionários do Rio Branco.



Os campos, os azulados e tranquilos lagos e o rio magestoso com seus igarapés e ilhas, formam a beleza sem par do Rio Branco; Beleza que se reflete nos olhos negros das crianças, na vida pacata dos índios e no céu sempre estrelado desta linda porção do nosso Brasil.



O farfalhar das fôlhas dos altaneiros buritis, parece uma prece eterna que os sertões elevam ao Criador.



Quando o missionário itinerante, chega a uma casa, não pode ficar inativo. Procura as crianças, ensina-lhes catecismo, doutrina os adultos no caminho do céu. E depois é sacerdote e deve alimentar sua alma com a meditação e a prece do Santo Ofício. Aqui ao lado, vemo-lo dando conselhos a um boi muito insubordinado que há pouco acabava de comer uma camisa do padre.

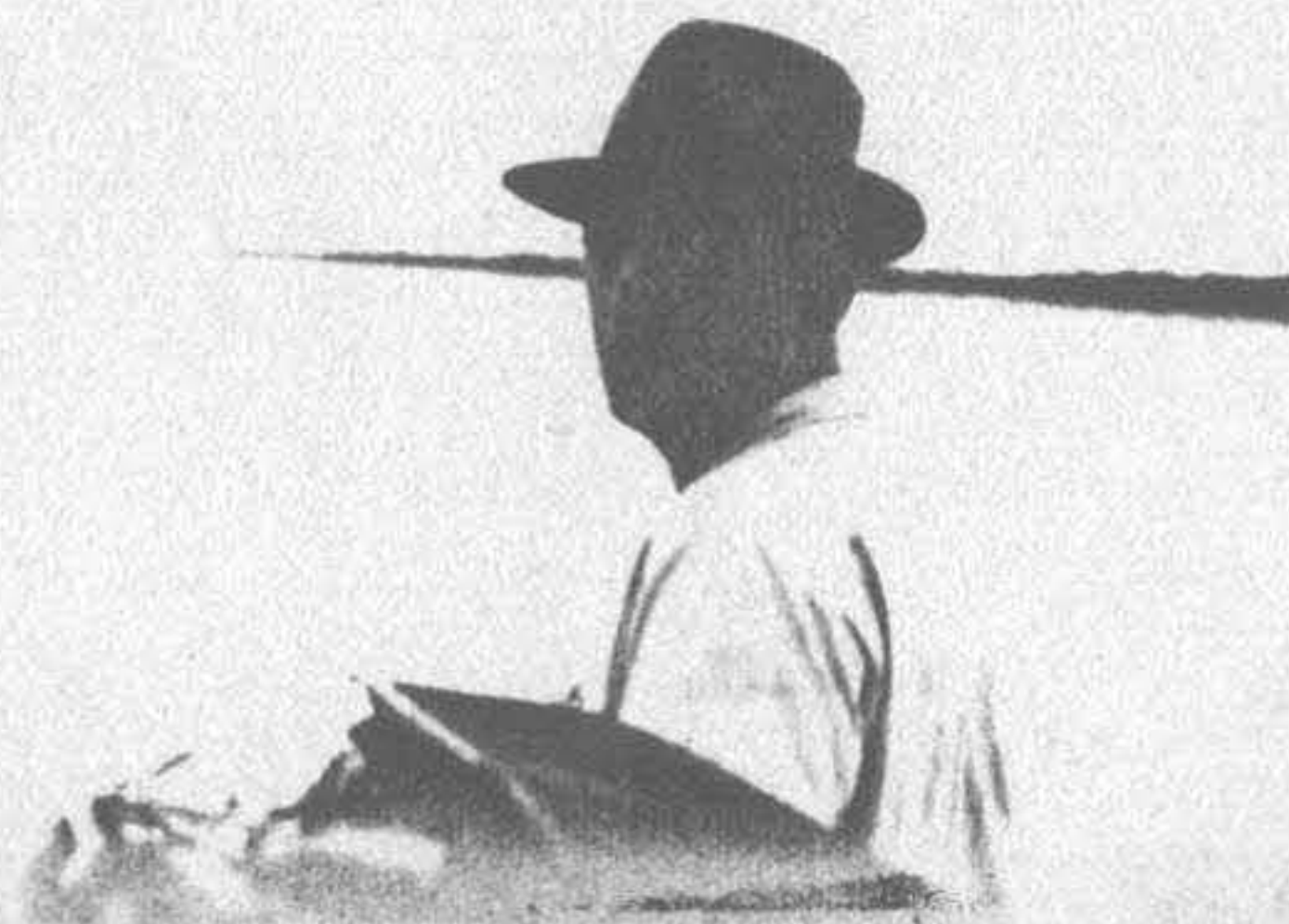


A tranquilidade dos animais, é o acompanhamento dos acordes que os vaqueiros arrancam de suas guitarras.

A fazenda é no Rio Branco um oásis de paz, apenas quebrado pelos berros dos irriquietos bezerros.

Vaqueiros e bois, vivem a mesma amizade, respiram o mesmo ar quente e deixam-se invadir pela mesma despreocupação.

Na fazenda ou na cabana do índio ninguém se preocupa com mesas. Nem mesmo a casa é de muita importância, desde que não faz frio. Nos dias de calor, um caixão, um carro de bois ou um **corro** de vaca, servem de mesa. Farinha e pimenta são duas coisas indispensáveis no prato riobranquense.



Os olhos do nortista são pequenos, mas acostumados às imensidões. Tudo aqui é imenso: O campo, a floresta e o rio que não tem margens.

Até a lua parece entrar em concurso de grandeza. Nunca vi a lua tão grande e tão ousadamente perto.

Estava o Nazareno Divino, palmilhando as estradas poeirentas da Palestina, quando aos olhos descortinou-se um imenso trigal, onde poucos camponeses lutavam para recolher o precioso grão.

O pensamento do Mestre, corre então pelo mundo, seara grande e lourejante, onde as almas aos milhões, esperam a ceifa para os celeiros eternos, e exclama: A messe é deveras grande mas poucos os operários. Rogai pois ao dono da messe para que mande operários para a sua messe:"

E a divina palavra, a eterna súplica, ainda hoje vai rolando pelos espaços, sem encontrar os operários que a grande seara necessita. Continua o campo espiritual do mundo, entregue a poucos e débeis obreiros, e o joio e os abrólhos a invadirem a seara divina.

Fazendo nossa a preocupação de Jesus, lançamos um apêlo a quantos querem o reino de Cristo, para que implorem ao Dono da Messe, mais operários, mais fôrça, pois as almas aumentam e os obreiros escasseiam.

Transportemo-nos ao Rio Branco. É com a mesma angústia da Igreja, que vemos a messe riobranquense sem operários. O campo é imenso, as almas não são muitas, mas as dificuldades de comunicação se apresentam tão fortes, que se tornam necessários mais voluntários para a linha de combate.

Não pedimos a Deus que nos alivie o peso, não, mas pedimos ao Pai do céu que nos ajude a salvar estas almas. Com muita tristeza, vemos as ovelhinhas, tragadas pelas fauces do lobo infernal. Estamos circundados por uma chusma de seitas protestantes, amparadas pelos meios mais modernos e por uma onda descomunal de imoralidades.

Dois missionários, empenham-se na educação à juventude no ginásio, dois missionários, são absorvidos pela administração agropecuária da cúria, um missionário vive na maloca dos índios do Apiaú, onde abriu uma missão; Na cidade, onde haveria trabalho para três padres, está o Padre Vigário sózinho, e no interior, no imenso e esquecido interior, correm dois padres, e nem sempre, pois um deve sempre estar por perto afim de ajudar no serviço paroquial.

Estamos atravessando um período de prova. O govêrno, sempre atrapalhado por uma política atravancada, não consegue por as escolas em funcionamento no interior, lacuna sábiamente aproveitada pelos protestantes que correm para "amparar" os ignorantes, colocandô escolas de apostasia entre o povo ainda não bem instruído na sua fé. Então, que vamos fazer? Estamos como num barco velho e furado, se tapamos um buraco, deixamos aberto outro. E deixar aberto um lugar para os protestantes aqui no Rio Branco, quer dizer infestar o joio na seara de Deus.

O Padre Superior, já está inteirado do assunto e esperamos que em tempo record,

animais, é o acompanhamento que os vaqueiros trazem.

Um oásis de paz pelos berros dos bois.

em a mesma amizade, quente e deixam-se despreocupação.



sa são pequenos, dimensões. Tudo ao longo, a floresta nas margens.

atrar em concorrência vi a lua tão próxima.

venha em nosso auxílio.

Por último, confiamos ou não confiamos em Deus?

Sim, confiamos na divina palavra que nos disse: Vinde a Mim todos que estais
sôbrecarregados e Eu vos aliviarei:

stais.

A nossa velha e sempre querida prelazia. casarão imenso e tranquilo, onde os missionários passam a noite, já que lá não é possível passar o dia,.

O jardim, que antes sempre estivera seco, com a chegada do Padre Antônio Curti, revestiu-se de flores. É agora o recanto mais pitoresco da cidade. Mangueiras em grande quantidade, proporcionam visitas a toda hora da manhã que sempre é gulosa.

O Sr. Bispo, alma da prelazia, é um bom papai. Sempre andando infatigavelmente em todos os cantos, resolvendo todos os problemas das obras "diocesanas": Ginásio, hospital, colégio, escolas anexas e os internatos. Contemporaneamente, restaura-se a matriz que de velha e feia, tornou-se um brinco da cidade.



A cidade, se alastra pelas colinas vizinhas e é necessário acompanhar o progresso civil com o religioso.

Entra em cena então o dinâmico Padre Curti. E a cidade está cercada de capelas. Todos os domingos, há funções religiosas em todos os recantos de Boa Vista.

Na foto à esquerda, a construção da capela escola de S. Vicente, obra exclusivamente do Padre Curti, Padre Antônio não pode parar. Nunca vi padre tão eletrizado. Corre os grupos com mais de mil alunos,

dirige todas as imundades, constrói capelas, muros, combina passeios para moços, abre escolas nas malocas, e se deixassem a corda mais comprida, ali que iriam ver coisas do arco da velha. Numa terra de dificuldades, começar obras de milhão sem ter um tostão, é loucura; Porém aqui é necessário também uma dose disto para se fazer algo que preste.

Falta-nos ainda um salão para cinema e teatro parabás crianças. É uma coisa necessária e urgente que não podemos esquecer.

Mas Padre Antônio não pode parar e o salão será, realidade dentro de pouco tempo-.

Construída pelos Beneditinos no começo do século, aumentada em seguida pelos mesmos padres, já não comportava dignamente o serviço religioso. D. Nepote, com pouco dinheiro e muita coragem, empreendeu a restauração da velha igreja. Hoje ali está bela e esguia, moderna e devota, com a torre a apontar o caminho do céu.



Ao lado da matriz, encontra-se o Colégio S. José, onde as Missionárias da Consolata, educam quase mil crianças.

Desde manhã até tarde, um mundo de barulhentas meninas, entram e saem, trazendo alegria e levando saber.



É a tarefa dos missionários: Dar as crianças a Deus, para dar Deus à Pátria.



A nota discordante do Rio Branco, é que não temos a companhia simpática e valiosa dos Irmãos missionários. Esperamos que esta lacuna fique logo nivelada.



Enquanto os padres ocupam-se no ministério religioso, outras atividades são muito bem resolvidas pelos nossos domésticos.

Em cima à esquerda, nosso Joãozinho, motorista mecânico, resolvendo o problema do transporte, e à direita, um manpe boi da missão, instalando, e levando de meninas.



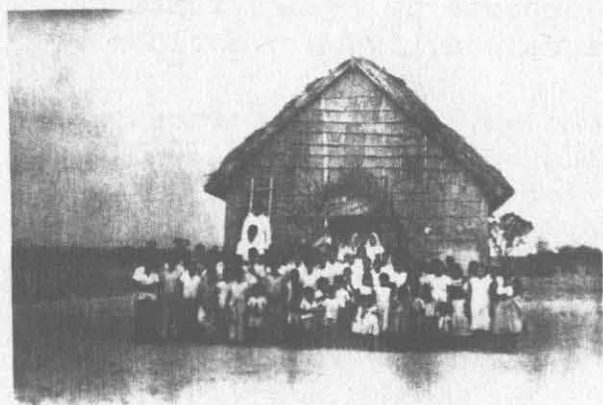
Capela de S. José na Maloca da Malacacheta.

Homens e crianças que apareceram para o catecismo à tarde. As mulheres estão ocupadas fazendo o cachiri de mandioca. Ao lado da capela, está o campo de futebol, indispensável também nas malocas. Depois do catecismo, logo começa o jogo.

É importante notar que para o catecismo não é preciso convidar, antecipam o Padre.

Capelinha pobre e coberta de palha, mas rica de fervor e perfumada de cantos e orações. Na frente da capelinha, domina a pequena cruz e no pátio, a grande cruz que os índios vapixanas ergueram como sinal de fé.

Vemos na foto, também um geep. É a condução do padre durante o período de seca. Já foi feito um grande progresso: Antes o burro, agora o geep-.



Mas não é só a Malacacheta a ter capela, também a maloca da Tábua Lascada construiu também uma capelinha com o patrono S. Mauro. Pequena maloca, mas não falta nunca nem uma pessoa nas funções religiosas e no catecismo.

Sobre a escada, o tuchaua da maloca do Ganuani.

Notem o número de crianças e vejam se não merecem um escolinha.?

Tôdas as tardes reza-se e canta-se nesta igreja, pedindo a Deus, mais missionários

Seis jovens vapixanas, representam a juventude católica feminina da Malacacheta na festa de inauguração da igreja de S. Mauro em Tábua Lascada.

Sorrisos simples e sinceros, que não soem vir à tona nos lábios de muitos sábios da cidade.

Estas moças, serão as mães de amanhã, e saberão levar avante a fé que lhe legaram os missionários da Consolata.

Aquela cruz que de braços abertos parece abençoar os bons índios vapixanas, é a mesma que se eleva sobre as torres das catedrais, a mesma que tremulou nos estandartes de Colombo e Cabral e a mesma que brilha no Cruzeiro do Sul. Ela muda de posição, muda de tamanho, mas nunca perde o significado: Símbolo da Redenção dos Homens, por Cristo Jesus.

Há colônias de civilizados sem igreja, há fazendas sem um altar, mas dificilmente encontramos uma maloca de índios sem a capelinha. Pobre, coberta de fôlhas, feita de barro, com bancos roliços, mas a capela domina a maloca, porque a maloca é sementeira de fé.

Como o profeta, sinto a vontade de clamar: Como são lindos e formosos os tabernáculos de Israel. É melhor um dia na tua casa que mil nos palácios dos homens. Como são simpáticas as casinhas simples e limpas dos cabôclos; Há mais gosto em passar um dia na maloca entre a criançada inocente, que um século entre os arranha-céus fumegados pelo hálito da corrupção.

Porém quantas malocas agora católicas e fervorosas estão abandonadas por falta de um missionário a mais que venha trabalhar aqui no, Rio Branco.



Fazer uma relação das obras missionárias do Rio Branco, sem incluir a missão S. José do Surumu, seria uma omissão pecaminosa.

Aos pés da grande Serra do Marari, passa o Rio Surumu. Depois de banhar campos e de saltar mil cascatas, rumureja brevíssimo passando por Vila Surumu. Logo que os missionários da Consolata abordaram no Rio Branco, cogitaram a construção de uma casa em lugar central nos campos, para acolher nem sei quem, mas parece que seja para os índios.

O início foi pobre e difícil como para tôdas as coisas de Deus. Padre Marcos foi o pioneiro da missão S. José. Uma barraca coberta de palha, vinte ou mais meninos, três painéis e um pouco de farinha, era o grande tudo da incipiente missão. Anos passaram e as coisas foram tomando forma e vulto. No estábulo começou mugir alguma vaquinha, depois o lote foi aumentando e dando leite para os internos da missão. Sobre uma serrinha infestada de pedras, foi erguida a primeira ala que serviu de escola e dormitório. A cozinha continuou a despeito de tudo numa palheira escandalosa.

Prédios foram se sucedendo em tamanho cada vez maior, até a hora atual em que a serrinha está quase completamente coberta de casas e muros.

Hospital, Internato para meninos, internato para meninas, escolas, cozinha, casa para empregada, refeitório novo e velho, casa das máquinas, barracão para açougue, Casa do vaqueiro e outras de uso doméstico.

Tudo isso é o conjunto de pavilhões que compoem a Missão S. José, agora sob as mãos seguras de Padre José Rubato. Para as necessidades cotidianas da cozinha e para garantir o dia de amanhã, foi pacientemente e sãbiamente criada uma pequena fazenda de gado; Outrora pouco e comum, agora muito e raciado. Carneiros e cavalos, galinhas e animais domésticos, fazem o complemento de todo o ganha pão da Missão S. José.

O rio passando perto da missão, dispensa até banheiros e lavandarias.

Os lagos estão cheios de peixes e as matas repletas de (formigas) caça.

Faltam muitas coisas ainda, entre as quais, as Irmãs religiosas para atender ao internato das meninas, ao pequeno hospital etc.

E depois de tudo isso falta o principal que são os meninos, pois o número atual não desculpa a presença de dois padres naquela casa.

Cada semana passa o avião da FAB, para levar mantimentos e transportar pessoal pois trata-se do único meio de transporte durante mais de oito meses.

Surumu é a linha divisória da região campestre e montanhosa, é o vampo que esbarra nas montanhas do sistema Roraimá.

Que S. José proteja sempre sua missão e faça qur fe lá saiam bons frutos de vida católica.

Surumu, Missão S. José, terra de sacrifício e trabalhosos minutos, onde tudo estava por ser feito, e agora depois de dez anos, ainda muito (~~resta~~) falta a fazer.

Surumu, é um misto de poesia e cruz.

Poesia porque onde há crianças simples e boas, onde há água encachoeirada e fria, onde há o consórcio de montanhas altas e pradarias infindas, onde há família, há poesia; Cruz, porque faltam os meios de apostolado, o campo missionário aumenta e os braços diminuem, onde a gente deseja e quer fazer e a barreira das impossibilidades obstaculizam o trabalho. Surumu, foi minha casa durante dois anos, porém os sonos foram poucos e as viagens muitas.

Graças a Deus, já temos um geep Unimog, raça de trator cruzado com automóvel, que deu uma espécie de bicho forte, capaz de arar, puchar, e até subir muros. E tem tantas marchas que parece um navio.

Ao lado, Padre Dante com a meninada, de partida para caçar jacarés nos lagos.



De vez em quando recebemos a visita de alguma onça pintada que vem banquetear-se com bois e carneiros, mas que acaba ficando banquete dos caçadores.

O mais importante é não deixar que a pintada feche a boca e ela não morde.

Sabem como é gostoso papar uma pintadinha daquelas bem gordas?

Também os gatos maracajás, gostam de passear pelos campos da Missão do Surumu. Mas depois que as peles de gato subiram de preço, andam muito acordados e matreiros.

A meia hora de Douglas de Surumu, encontra-se uma vilazinha chamada Normandia. Lá trabalha o Padre Marcos Lonati que com muita inteligência e sacrifícios conseguiu levantar uma linda capela em alvenaria. É preciso notar que Padre Marcos, não cuida apenas de Normandia, mas corre o Território de Norte a Sul e tem outras capelas em construção.

Normandia é fronteira com a Goiana Inglesa e é centro de uma imensa área pastoril e diamantífera.

O único transporte para aquela vila, é o avião da FAB que semanalmente perfaz o círculo, levando tudo menos a água para beber.

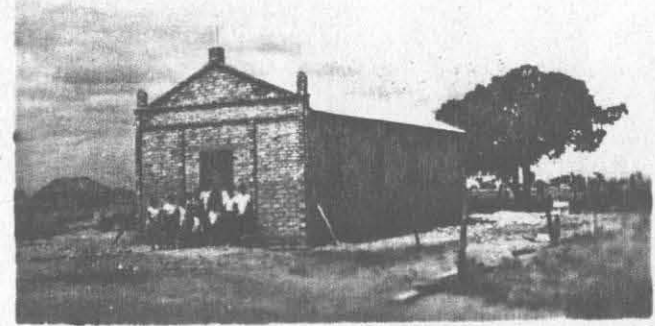
Se Padre Marcos tivesse um teco-teco, certamente poderia correr a sua imensa capelania com mais eficiência. Mas, estamos na era do "MEGATON" e portanto, "Sursum corda".

Não posso mostrar as fotografias das minhas construções, porque ainda não consegui por em pé nenhuma obra; Minhas ovelhas são muito tresmalhadas e não suportam o ovil.

Se tivéssemos uma corôa de pequenas capelas pelo interior, teríamos mais rendimento com menos pessoal e mais fruto com menos trabalho.

Correr de casa em casa durante meses, sem poder congregiar as famílias, é um trabalho colossal e sem resultado compendador.

Deus porém que é o dono da messe, que dê geito a tudo isso.

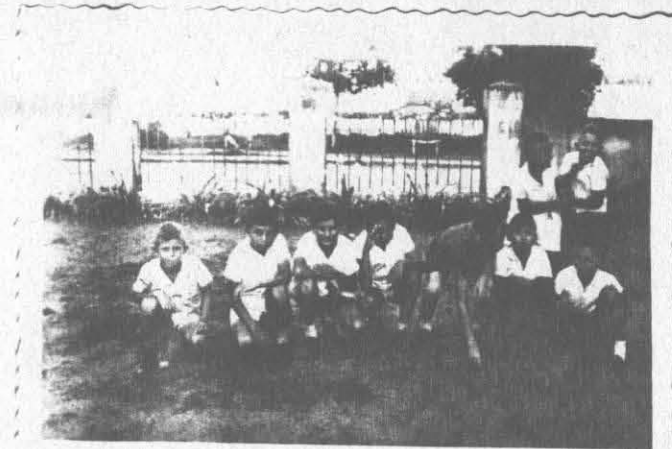


Sen
com
às
ros
Ape
est
à

Não
Al
tin
cem
to.
doc
sel
Coi
com
De
e d

Locas onde seria necessário passar uns dias. Deus, porém nos ajudou a fazer o que nos mancou e seja Ele Louvado.

Sempre gábulos e inquietos, sempre com a bola na mão, mas nunca faltam às missas e na escola são os primeiros da classe. Apenas dois ex-corinhas de Boa Vista estão no seminário, mas é também devido à grande distância do mesmo.



Aqui estão os três japoneses da gema. Kioshy-Siguero-shingi. Cada qual parece mostrar que é mais simpático dos outros. Moram na Colônia do Taiano onde receberam instrução religiosa. Transferidos para Boa Vista, completaram sua instrução, e foram batizados. O Shingi (Tarciso) é um ótimo coroinha e a sua família é toda batizada.

Não sei o que encontraram de gostoso, Ah Já sei, é uma planta de Mirici, frutinha tão miúda que são necessárias cem bagas juntas para se sentir o gosto. Para a meninada porém, tamanho não é documento. Quando encontram uma fruteira selvagem, limpam tudo em poucos segundos. Coisa mais gozada é quando a gente sai com a petizada à cata de jabutis. De longe o pobre quilônio é descoberto e disputado.





Agora uma palavra a respeito das nossas companheiras araras. Temos três araras e cinco papagaios. De manhã e de tarde fazem uma algazarra que mais parece um jardim zoológico. Um fala, outro grita, outro chora, outro ainda asovia. As araras são azuis e amarelas. Tem uma asbeça muito grande e o bico se não for controlado, pode cortar um dedo só de um golpe. As araras tem mania de estragar as coisas. Uma destas aves, pode em meia hora estragar completamente uma cadeira ou mesa. Ali está a Maroca mais danada e mordedeira. Mas ela gosta de crianças e não faz danoção se a não molestarem,

Mas de quem mais a Maroca está gostando, é do Caetano. Ela gosta dele, não é tanto por virtude, é porque trata dela e assim recebe e restitui gentilezas. Caetano, é um macuxi de puro padrão. fala perfeitamente sua língua materna e tem tôdas as características de um verdadeiro índio. É um ótimo menino e parece que quer ser missionário.?.



NOSSOS COROINHAS

Sempre gárrulos como um bando de inquietas araras, passam pelas ruas da cidade, ora com uma bola debaixo do braço, ora com um papagaio rasgado, sempre contentes e a derramar jovialidade.

Tôdas as raças estão representadas no meio daquele bulicioso bando: Índios de olhas pretos e vivos, japoneses de cara chata e olhos desaparecidos, pretos de cabelos anti-choque, brancos de olhos azuis, mulatos, mestiços etc. Sempre gostei de colecionar.

Cada igreja deve ter seus coroinhas, a menos que o vigário seja um misântropo ou doente. O coroinha, não é apenas um substituto louvável de certos acólitos reumáticos de articulações cristalizadas, mas é também um exemplo de assiduidade à santa missa, um companheiro inseparável do padre nos inúmeros micro-problemas da paróquia. E mais, é sabido que é do meio dos coroinhas que saem muitas vocações religiosas, e se isso não acontece com todos, pelo menos o jovem adquire uma formação tão boa, que dificilmente esquecerá.

Tudo depende é claro de quem forma os coroinhas. Se eu não tivesse sido coroinha, talvez hoje não fora missionário.

O coroinha, nem sempre é pão doce. Tem às vezes sua preguiça, suas manhas, pois, sendo coroinha não deixa de ser criança. E quem não foi manhoso de criança? Por isso, antes de se escolher um coroinha, é bom sondar a família e ver se a mãe é boa. Se a mãe do menino é boa, certamente o menino será um ótimo coroinha.

A pesar de estarmos no mato, temos os nossos passeios, onde os coroinhas podem desabafar a vontade de nadar, de subir plantas, de pescar, brincar bola, e tudo aquilo que a sã pedagogia permite.

Nunca vi tanta mania de água como nas crianças do Rio Branco. Parecem até patos.

Quando um dos padres sai para uma viagem nas malocas vizinhas, sempre é acompanhado por um ou mais coroinhas que o ajudam em tudo.

Quando começa o mês de Dezembro, as aulas terminam e começam os preparativos para o Santo Natal. Aqui no Rio Branco, como nas demais partes do mundo, os preparativos, revestem-se de uma poesia misturada com febre natalina: O presépio. As coisas estão melhorando. Também as mães da Consolata estão saindo para passar as festas nas malocas e povoados, fazendo um bem, que nem elas podem calcular.

E já se sabe: Quando as irmãs preparam-se para sair, é nunca mais acabar. É preciso o presépio, e os carneirinhos ainda não estão secos, e os fios para a iluminação a pilhas, e as lâmpadas, e panelas e tachos, e tanta coisa que é preciso um fenemê para levar tudo na viagem, tanta é a muamba.

Pois é, no Natal passado, partimos para o Taiano, lugar misto de malocas e de coônia agrícola. Quinze dias antes já estava tudo pronto. Porém, cada dia as malas aumentavam de número. Latas então havia tantas que mais parecia a oficina de um estanhador.

Finalmente o dia da partida chegou. Madre Leônida e Madre Ângela eram as mártires do dever. (ditos as mártires)

Cedo, bem cedo, o gipe estava abarrotado e amarrado com muitas, muitas cordas. Panelas então, havia amarradas em todas as direções. (previdência)

Mas o gipinho parecia adivinhar alguma coisa e fez o que jumento velho pode fazer: Empacou. E empacou mesmo. Haja empurrar, ~~puxar~~, mexer, nada. Por sorte, lá está um barranco, ou pega ou vai para o rio. Mas resolveu acender e, bufando e gemendo lá se foi campos a fora. Pobre gipinho! Se não fosse o pipocar de locomotiva que tem, dir-se-ia que fosse um carro de bois, mas não é.

O rio Caumé está ali. Pronto, devemos tirar a correia do gerrador. A água tem quase um metro de fundura e pode afogar o motor. Ah! não é possível, onde está a ponte? Ponte minhas senhoras, disse para as mães espantadas com a façanha, ponte ninguém ainda viu no Rio Branco. Aqui é no váu. Vamos! E o gipinho, depois de pensar duas vezes, arremessou-se com tanta fúria na correnteza, que atravessou os cem metros de água num piscar de olho.

Agora sim, as Irmãs tinham tanta confiança na minha máquina, que, não paravam de tecer louvores ao velho Willis. Já ao meio dia, estávamos muito longe, passando estrada como um mercúrio. E sobe e desce e entra e sai, até que chegamos sãos e salvos ao Taiano, distante de Boa Vista mais de cem quilômetros.

Lá, procuramos uma casa, tínhamos a administração em nossas mãos. Deixamos as Reinas Mães na casa da administração e eu com o resto da tripulação, fomos a outros tetos.

Não havia panelas, pratos ou louça que nos valesse. Bendita previdência.

ivos
s pre-
épio.
para pas-
em

para
que

de
as
oficina

s már-

cordas.

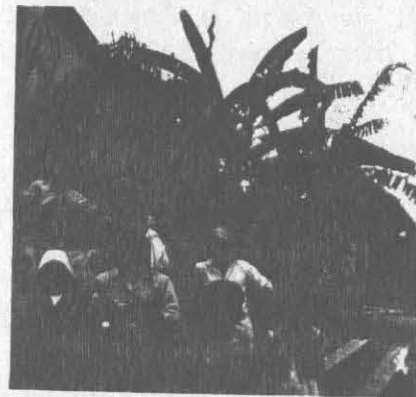
o po-
orte,
ufan-
pocar

tem
está
façanha,
de-
que

avam
ge, pa-
gamos

s as
fomos

Já viram? Foi a fim do mundo de tantos preparos. Caixas e panelas às centenas, malas e sacos sem conta. Porém o dia chegou e o "gipinho" roncou grosso pelos campos a fora, levando os missionários para longe, para as malocas. As Irmãs Missionárias da Consolata não faltaram e assim a festa foi muito maior. Queria só que tivessem visto.



Chegados à Colônia do Taiano, os trabalhos comessaram. Catecismo para crianças e adultos, visitas às famílias e sem falta o esperado e sempre simpático presépio.

← Ao lado vemos Madre Leônida brincando com as meninas do Taiano.

Enquanto Madre Ângela no meio do bananal, prepara o presépio.

Não pensem que as casas sejam tôdas co-esta. É a única no gênero, e é da administração territorial.

Não só de oração vive o homem. Jesus multiplicou os pães e as bondosas missinárias multiplicam o nescau para os néo-comungantes e seus parentes próximos e remotos. Madre Leônidas e Madre Ângela tôdas ocupadas como Marta de Betânia, correm e voltam com tachos e canecas. A festa é de romba, e ninguém quer ser o ausente.



"Não só de pão vive o homem! Antes de qualquer festa ou divertimento, entra a parte espiritual: Santa Missa, Comunhão, agradecimento, e para completar, uma recordação fotográfica.

À direita, vemos o grupo da primeira comunhão, as Revndas Irmãs missionárias que tanto trabalharam, e outras pessoas.



Depois do, Taiano, passamos para a maloca da Serra da Moça. Aquele bom povo vapixana, bem merecia uma semana de missão. Corresponderam ao máximo, aparecendo a tôdas as cerimônias religiosas e ao catecismo popular.

Não podemos nos quixar dos índios. Todos à porta da capelinha de palha, esperam o missionário.

Ao lado: Grupo depois da Santa Missa.

Também na Serra da Moça, a primeira comunhão é dia de festa. Nunca foi tão admirado o aparecimento dos tradicionais anjinhos. A primeira comunhão na maloca, despe-se do luxo estúpido das capitais, para ser uma festa puramente religiosa. A única consolação do pequenino comungante é mesmo só Jesus. As mães, desvaziaram os baús. Deus é grande e foi possível dar roupas para todo mundo.



Esta é uma pequena e esperta Índiazinha da tribo dos Jaricunas. Não deixou em paz um instante as madres da Consolata. Como apreciaram e corresponderam ao trabalho missionário, os pequenos da maloca. Quem sabe quando voltarão as boas Irmãs missionárias e o padre?



Enquanto que o padre corre as casas e as roças em busca de almas para as catequizar, a irmã missionária rodeada de crianças, prepara a festa de primeira comunhão. E mesmo durante a confecção de bandeirinhas, a boa missionária aproveita a ocasião para ensinar o amor de Jesus.

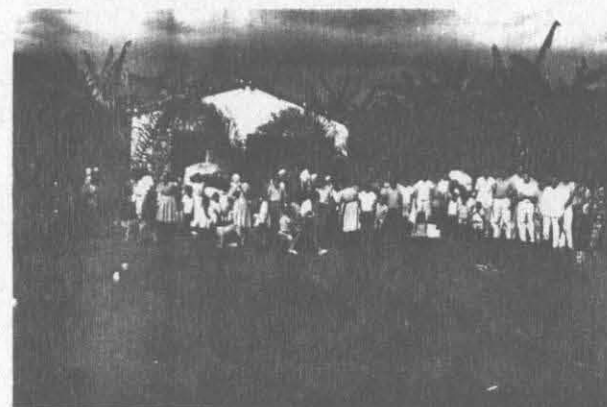


Madre Ângela e Leónida, encantaram as malocas com as notas de um simpático gramofone. Não houve descanso. Não havia agulha que aguentasse, pois o dia inteiro a vitrola era a alma da pequeruchada. Tudo serve para atrair os pequenos a Jesus.



O Presépio na colônia do Taiano, conetinuou sendo centro de atração por parte das famílias.

Poucas pessoas tinham visto alhures outro presépio. As crianças ficavam atônitas e não se afastavam do pobre e desfalcado presépio. É certamente o amor de Deus que opera nos pequenos corações.



Chegou porém o dia da volta e a criangada viu com tristeza o carro dos missionários tomar o rumo de Boa Vista.

Adeus missionários. Até breve se Deus quiser. Sim até breve de Deus e Nossa Senhora Consolata nos ajudarem.

Atenção. Quem vai guiar de volta vai ser a Madre Leônida. Deus que nos ampare. Não foi tão fácil. Empurramos como tratores o gipino que já estava cansado de tanto rolar.

Tudo porém terminou na santa paz do Senhor e chegamos cansados mas felizes de termos cumprido o nosso dever.

No próximo natal, onde iremos? Não se sabe. O certo é que temos centenas de malocas onde seria necessário passar uns dias. Deus porém nos ajude a fazer aquilo que nos mandou e seja Ele Louvado.

Dividimos logo o trabalho: Ir. Leônida, correr pelas casas, fazer o recenseamento religioso, pescar almas. Dela dependia bem dizendo, o fruto ou o fracasso da nossa micro missão. Estava muito bem convencida da sua responsabilidade, e saiu-se muito bem, ajudada pela jovem Fátima.

Ir. Ângela, preparar as crianças da primeira comunhão, cantos sacros, presépio, e tudo para as festas natalícias do Menino Jesus.

Eu e o coroinha, regularizar casamentos, batizados, visitas aos doentes, o altar campal etc.

Nunca vi tanto corre-corre. Ir. Leônida, parecia o saci peregrino, estava em tôdas as casas simultâneamente. Irmã Ângela, com muita paciência, fazendo flores e ensinando catecismo à caboclada.

Mas os frutos se fizeram ver: Muitas confissões, comunhões, batismo de japoneses, e muitos casamentos irregulares, foram regulados pela lei divina.

A boia então era só ela. Os japoneses, nos ajudaram muito e passamos a semana maravilhosamente bem.

Mas a vida tem seus bêcos. Não vou fazer jornal, mas acenar levemente alguma fato. Gipe nessas paragens, é Papai Noel. Todo mundo queria voltar para a cidade no gipe do Padre. Padre não cobra nada. Dois dias depois, a lista dos que iam viajar, atingia o número vinte, e tendia a aumentar mais. Nem que fosse um Fenemê. Deixem que o filho do velho, está muito acordado aqui no Taiano.

Mais uma. Passou um gipe, cetramente iam pescar ou caçar veados, coisa que há muita por aqui. Depois de três dias, apareceu um tal de Sulamba, procurando socorro para o gipe que estava "no Prego" (enguiçado) lá numa fazenda a mais de quarenta quilômetros do Taiano. "Padre Dante, Boa tarde. O Chico pequeno mandou que eu viesse aqui pedir para o reverendo que viesse com o seu gipe rebocar n nos so que está parado lá no "caixa prego" (lugar muito longe) Ou o senhor vai, ou eu mesmo vou com seu gipe." Não é possível respondi, não está vendo que a estrada é péssima e eu tenho compromisso de estar aqui com as mães para o serviço religioso, e a nossa máquina, você a sonhece, não é de confiança."

"Mas Padre Dante, por amor da nossa amizade, não faça isso."

Pensei bem, meditei, lembrei-me que sou de uma raça que não pode trair a amizade, amais, motorista tem o dever de ajudar o colega. Mas sondei mais: No fim das contas, qual é o prego que seu gipe tem?

A Bateria-

Bem se é negócio de bateria, é mais fácil. Você pega a nossa bateria sobre a bicicleta (estava com bicicleta emprestada) e leva socorro para os outros.

Arranquei a bateria do motor e amarrei-a na garupa da bicicleta. Partia conten-

Então já sabe que bicho é a saideira: matabicho.

E a cachaça já dominava o pobre do Sulamba. A saideira não deixava mais sair. Mas partiu finalmente. Caçava frangos de modo espetacular. Pegou logo uma descida íngreme e ainda pedalou furiosamente. Façam ideia. Capotou poucos metros depois, caindo debaixo da bicicleta, derramou solução de bateria sobre a roupa, e tudo foi de rôdo. Corri logo em auxílio, arranquei a bateria das mãos e recolquei-a no motor do nosso gipe como antes. Nunca mais caio numa enrascada dessas. Três dias depois, o Sulamba estava ainda pela estrada, agora sem bicicleta (estava quebrada) e sem roupa, pois a solução ácida comeu toda a roupa do pobre. Beba saideira quem quiser se arreentar.

Depois de uma semana de intenso labor na colônia do Taiano, partimos para a Maloca do Boqueirão. A estrada porém estava tão impraticável que não foi possível prosseguir. Depois de trinta quilômetros, voltamos e escolhemos outra maloca, a Serra da Moça no Murupu.

Não houve novidades no gipe até meia estrada, mas depois cobrou-se do resto. Numa baixa, empacou seriamente e não houve quem o fizesse andar. Como de costume, numa ocasião dessas, todo mundo banca mecânico. Porém, meus rudimentos de mecânica, foram vãos, pois a membrana da bomba de gasolina estava rasgada, e só outra membrana pode resolver o papo.

Ninguém desanimou. Empurramos como jumentos no carro. Mais de cinco quilômetros nos separava do Rio Murupu, onde havia uma pequena casa de pescadpres. Lá chegados, cansados e famintos, (vejam só que felicidade) nos esperava uma deliciosa janta. Os trabalhadores da estrada, haviam caçado dois grandes patos de mato e estavam preparando a janta. Esta janta para quem empurrou tantos quilômetros de estrada! Eu que já tenho boas fauces na mesa, façam ideia. Rezamos, comemos, contamos histórias e depois para auge da sorte, o menino do caminhão, tinha um pedaço de vaqueta que muito serviu de membrana da bomba. Ninguém mais quis esperar. Partimos agradecidos para a Maloca. Pela estrada dormimos na linda fazenda Sta. Fé e depois da Santa Missa, aviamos para o Murupu da Serra da Moça. Três horas de viagem bem puxadas, nos levaram à maloca, onde nos esperavam os índios todos satisfeitos pela nossa chegada. Já tinha preparado uma casa só para as mães. A capelinha logo encheu-se de gente. (Os índios quando chega o padre, fazem festa e não pensam sequer de sair da igreja.)

Nunca vi tanto índio. Parecia a multiplicação dos pães. Era caboclos de todas as redondezas. Notem a diferença: Trouxeram logo frangos para as irmãs, trouxeram muita banana, mamão, laranja, péixe, graviola, até jacaré trouxeram para que aos missionários não faltasse nada.

Pssamos oito dias no meio da mais deliciosa companhia. Trabalho quase nenhum, visto que os índios só casam se for na igreja, procuram o padre e não esperam serem procurados por ele. A meninada então fez mesmo dias de festa. Quanta ale-

gria nos olhos amendoados daquela petizada ao verem que a Madre Ângela começo colocar sôbre uma mesa os carneirinhos do presépio. Nunca tinham visto coisa tão graciosa. Todos quiseram ajudar: Quem procurava musgo, quem procurava pedrinhas brancas e outras miudezas para o presépio. Já viram esposição mais con-corrida? Não acaabara-se de por as casinhas sôbre a mesa e tôda a maloca, todihaa, estava a contemplar atônita o lindo e nunca visto panorama natalício. Assim dá gôsto fazer a festa do Santo Natal. Não houve muitas confissões, todos confessaram e comungaram, todos sem excepção participaram aos catecismos coletivos que se fazia em três horários. Numa palavra, fizemos um Natal bacana. Assim é que os índios mansos do Rio Branco, respondem ao trabalho do missionário. não é pois uma pena, um crime deixá-los em segunda linha? No próximo Natal, só passaremos em malocas o santo Natal, pois não são prtendentes e correspondem maravilhosamente ao labor missionário. Como em todos os lugares, houve também em Serra da Moça, destribuição de doces, bombões, santinhos, medalhinhas, roupas etc. Mas a festa maior, a coisa mais cubiçada, foram as latas ~~rusias~~ da viagem. Já estávamos de gipe aliviado, as latas ficaram para as donas da maloca e podíamos voltar contentes. Depois do "segura peito" (primeira refeição) partimos entre os abraços do velhos, e as lágrimas das crianças que nos viam partir para longe. Passamos o resto do dia numa fazendinha onde dormimos e de manhã após a santa missa rumamos para casa. De passagam peãa Serra do Murupu, não foi possível resistir a uma tentação do espírito alpinista. Paramos, subimos, espairamos nossos olhos pela imensidão de campos e depois, cansados e sujos passamos mais uma noite no pé da Serra e voltamos para casa. Mas não foi simples. O gipe danou a empacar novamente. Sabem, é velho, parafusos soltos, canos furados, carburador gasto, tudo serve de desculpa aos caprichos do tal de cafuringa. Empurramos demais, mas no fim do dia estávamos em casa, saudosos de tão torme-tosa aventura. E desta vez, até o próximo Natal se Deus quizer.

O grande problema índio do Rio Branco

Qual a nação ou a cidade que não tem a sua dificuldade, o seu problema? Como todo mundo tem, o Rio Branco enfrenta um grande problema, a questão indígena. O problema índio que nos interessa diretamente, tem dado tanta preocupação aos missionários que lutam com amor e interesse na catequese dos índios riobranquenses. Não nos interessa aqui fazer exposições etnológicas, catalogar tribos e raças, mas resolver uma dificuldade que afeta ao índio em geral.

Não sei a quantos anos, no Rio Branco, os índios viviam contentes e livres, correndo os infintos campos verdes e belos desta terra que era toda sua. Não havia limites, não havia fronteiras; Nada de doenças ou fome, pois o Rio Branco tudo dava para os filhos seus.

Vieram os brancos, certamente portugueses e espanhóis. Vieram as cubiças pelos campos maravilhosos da Goiana brasileira, vieram as invasões inglesas e holandesas, todos volatados para as riquezas do grande setentrião esquecido.

Os índios, como nos tempos de Colombo, receberam com veneração os brancos que julgavam amigos e absorveram a sua civilização. Pouco a pouco, os missionários conseguiram transformar o indômito selvagem em dócil companheiro.

Foi introduzido o gado, foram aparecendo as primeiras fazendas e como a coisa estava sorrindo para os fazendeiros a cubiça aumentou e mais levas de brancos subiram a remo o grande Rio Branco. As campinas dantes povoadas de índios pacatos e de terríveis onças pumas, vian-se povoadas de tranquilos muares e inquietos cavalos, começando assim a natal da riqueza riobranquense.

Os índios, tranquilos como as águas dos lagos, despreocupados pelo amanhã, indolentes, começaram amar o trabalho e já comessavam criar animais também, substituindo assim a caça e a pesca agora mais difíceis.

A ganância porém apareceu e dominou nos campos poéticos do Território. Quando a fama dos campos riobranquenses, ultrapassou as barreiras do Rio-Mar, uma onda de aventureiros de todos os estados, invadiu o Rio Branco Todos queriam ser fazendeiros, e a única lei de posse e de herança era o pistoção. Quem julgava era a bala e razão tinha que fosse valentão. Traçavam-se limites de terras, seguindo um capricho qualquer. O gado solto, sem cercas que o contivesse, invadia as roças dos índios, ~~xxxxx~~ dando assim começo a um drama que ainda perdura.

Os fazendeiros, prepotentes e malcriados, invadiram as terras.

Os índios não conseguem salvar as colheitas da fúria do gado faminto.

Os fazendeiros, tomam o gado dos índios, ferran-no para eles e deixam o cabôclo (índio) sem terras e sem gado.

A situação atual do índio é precária. Por índole o índio é imprevidente, confiando na caça e na pesca que agora escasseiam.

Muitas malocas foram cercadas pelos fazendeiros e invadidas pelo gado, impossibilitando a lavoura aos índios, que não têm arame para cercar a agricultura. Desta maneira o cabôclo, vesse na necessidade de plantar pouco e longe sobre as serras calcinadas pelo sol. Entra então num círculo vicioso: Se caça não planta, e se planta não tem o que comer porque falta quem vá caçar para o dia.

Remédios para esse mal.

É muito simples se houver boa vontade. O S.P.I. é uma organização federal para a proteção dos índios. Não sei até agora qual seja a maneira de protegê-los, mas o que sei é que vivem abandonados.


Caberia portanto a este órgão, dividir as terras, determinar quais as terras da reserva e protegê-los contra a ganância errefreável dos fazendeiros invasôres. Reunir as malocas em terras mais próprias à lavoura, pois cada índio é um pequeno agricultor. Favorecer venda ou doação de arames, para cercar as roças e chácaras que sempre têm, colocar ao alcance deles, remédios, ferramentas etc. E como complemento disto tudo, para fixação do elemento à terra, dar-lhes escolas e igrejas. Depois disso, velar para que não haja inflação da lei. Castigar aqueles que vendem bebidas alcoólicas aos selvículas, impedir a saída para outras terras etc..

Sem estas medidas, o problema continuará aceso e o que agora nada é, poderá amanhã, constituir um foco de discórdia como na Bolívia e alhures. Remediar antes que espoque o tumor social é o nosso dever. Cabe-nos portanto importante parcela no grande dever de curar este mal que é nosso no Rio Branco, e para o qual muito fizemos ainda.

Temos na área civilizada do Rio Branco, muitas malocas espalhadas pelos campos e serras. Cada maloca tem na média, de vinte a trinta famílias, dando o número suficiente de alunos para uma escola. A grande facilidade é que os índios vivem agrupados e facilita o trabalho missionário.

Os índios, como assinaliei muitas vezes, esperam tudo do padre e por isso lhe votam mais atenção. Mais de vinte malocas pedem escola para seus filhos e até agora, apenas quatro escolas funcionam em malocas, uma das quais sendo particular, apenas ficou incluída na verba federal apenas no segundo semestre deste ano. E para as outras nada? Que faremos? Que fizemos? Que poderemos fazer? Ali quero ver o amor do missionário.

Infelizmente não pensam assim todos aqueles aos quais foi confiada esta grande e espinhosa e vamos dizer, consoladora tarefa. Espera-se que o tempo ponha fim ao caso. Sim, o tempo é o grande fator para quem não tem o tempo.


Missão Parima

Mas o grande problema não se refere apenas ao índio que já viu e proibiu a civilização, mas também estende-se ao índio que habita as grandes e misteriosas matas riobranquenses, especialmente do Parima.

É sabido que a maior concentração indígena do Rio Branco, está nas cercanias da Serra do Parima. Nesta serra, nascem muitos rios, entre os quais o Orenoco, o Urariquera, o Mucajai e o Catrimani. Nas cabeceiras destes rios, habita uma grande população indígena, priva de qualquer contato com a civilização.

As dificuldades com que até agora esbarraram os muitos curiosos que para lá tentaram penetrar, foram tantas, que a região ficou lendária. Muitos espalharam a voz que os índios viviam carregados de ouro e gemas, outros afirmaram terem visto flechas de índios, com a ponta de ouro e assim outras lorotas. Mas embora sejam histórias, aguçaram a cubiça dos aventureiros esfomeados que até no estrangeiro apentavam.

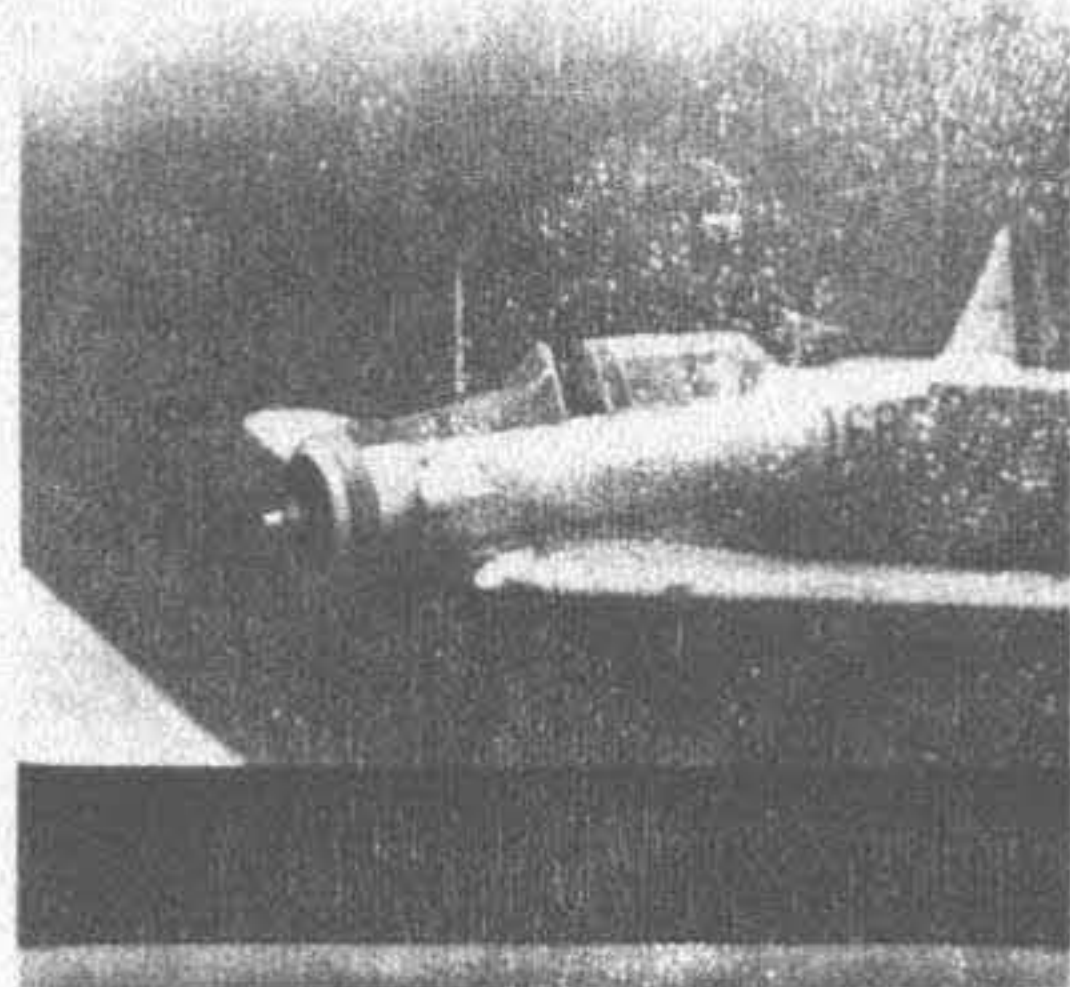
Começaram vir estrangeiros, principalmente ingleses e americanos para ver de perto o tal paraíso do ouro. Mapas foram feitos e estudados, números foram computados, dificuldades estudadas, até que um dia um avião americano deu o primeiro vôo. Diretamente da Goiana inglesa, o aéreo passou sobre o canal de Santa Rosa e em baixa cota penetrou as selvas do lendário Parima. (já outros aviadores haviam feito o mesmo, tempos atrás.) Duas horas depois voltava, levando certamente o plano piloto para ~~axxxxxxxxx~~ a entrada.

Pouco tempo depois, uns americanos localizaram uma fazenda na linha divisória do Rio Itacutu e lá fizaram seu quartel general: Campo de pouso, rádio transmissor, e para disfarçar tudo isto, uma escolinha para aprender português.

Dias passaram enquanto uma missão com escopo simulado (escopo missionário) penetrava numa canôa de alumínio, as águas torrenciais do Urariquera. Passados poucos meses, um avião teco-teco voava para a serra do Marutani onde já localizaram um campo de pouso nas roças dos índios e lá baixava, dando assim começo à tesa de ponte por onde iriam ao Parima.

Simultaneamente outros campos eram feitos na mata, e silenciosamente para que as autoridades não percebessem. Feitos os campos, aberta a estrada, as coisas seriam mais fáceis. Quando as viagens aéreas diretamente do estrangeiro para as matas se fizeram muitas, o povo começou espalhar a voz de alarma. As autoridades então, mostraram interesse no assunto e trataram de intervir. Era porém tarde. Muitos americanos já estavam nas matas, muitos campos foram feitos e a coisa passou para a embaixada.

Base de Santa Rosa, onde os aviões da FAB se reabastecem para a viagem ao Parima. Na foto à direita, vemos o Albatroz e um bimotor, prontos a decolarem rumo ao Marutani. Santa Rosa, é o último campo de pouso antes da grande floresta virgem que sepulta o Parima. Está situado às margens do Canal Santa Rosa, na ponta Sul da Grande ilha Maracá.



Na foto à esquerda, o caça E.A. que nos escoltou na viagem ao Parima. A positiva está un tanto escura devido ao vidro da carlinga que estava embaçada. Como é belo ver um avião voando ao lado da gente. Parece estar imóvel no espaço, como um peixe num aquário.

Comitiva que viajou para o Parima. Conversando fora da maloca dos índios, está o Governador do Território, Dr. Djacir Arruda, Dr. Orestes, representante do governo na cidade do Rio de Janeiro, Cel. Camarão, comandante do avião, e dois missionários americanos da seita dos Batistas, (se é que são missionários mesmo) e bem ao lado, de batina branca e capote, o sonhador pedivago.

Vediamo. Campa caval che l'erba?



Eis aqui os índios do Parima B. com sua simplicidade e ao mesmo tempo robustez, de cabeças coroadas, tabaco na boca e dentes brancos e fortes.

Que esperam êles? Dinheiro? Não. Roupas? Não. Esperam um amigo que os leve à civilização, um amigo que seja médico do corpo e do espírito ao mesmo tempo, esperam o padre missionário; Esperam as Irmãs caridosas e boas, esperam o Irmão missionário, solícito e laborioso; Esperam ainda pela redenção. Vamos remi-los?



Sempre sonhara por esse dia que finalmente chegou. Encostados ao avião que sempre passava alto, e agora é tão manso, junto do padre que êles chamam de grande pagé dos brancos, Doce colóquio mudo em que fala o coração, abraços rubros que tingem a branca sotaina, olhares que penetram no mistério da vida missionária e tocam na alma. Como desejo que esse dia se repita e multiplique ao longo da vida. Sou feliz, porque sou missionário e desejaria que a minha felicidade fosse contagiosa entre os seminaristas.

Passar para a embaixada quer dizer sair com tôdas as imunidades necessárias para a permanência naqueles lugares ocupados ilicitamente.

Foram apreendidos aviões, vigiados os movimentos dos missionários mascarados e parecia que tudo fosse acabar legalmente, mas o papai Dólar cantou e tudo acabou no silêncio. Foram feridos os sentimentos de justo orgulho dos riobranquenses e o dinheiro americano ganhou a partida.

Conheço um pássaro chamado Irapuru. Quando aquela ave canta, todos os pássaros do mato, voam para escutar a voz fascinante do mavioso cantor, ficam encantados. Assim também acontece com o dólar. Quando êle canta ou tine, todo mundo fica encantado. Foi justamente o que aconteceu no Rio Branco e assim em todos os lugares onde impera a lei do ouro, escravisa-se a lei da consciência.

Até na câmara foi ventilado o assunto. Até na câmara chegou a voz do dólar mavioso que encanta os esganados.

No Rio Branco, procura-se cobrir com manta política um caso puramente policial. Foi até divulgado em colunas de jornais como no caso do jornal paraense em que se atirou a culpa sôbre os missionários da Consolata, dizendo que não ~~xx~~ havia nada de anormal no caso da entrada dos americanos no Parima, mas que não passava de inveja dos padres e das freiras que não tendo meios de transporte iguais aos americanos, saboteavam e procuravam levantar descontentamentos no povo.

Atualmente a FAB. para acabar com a conversa, entrou em ação, fazendo a Missões Parima. Esta missão, construiu cinco campos de pouso para aviões grandes. Coisa louvável, se não tivesse entrada novamente o tal de Dólar. A gloriosa Força Aérea Brasileira, será tão pobre que não tem um avião pequeno para descer no campo curto, ou um helicóptero para descer sem pista? Pois bem foi necessário que os americanos fossem eles a levar o pessoal ao parima com o aparelho também americano. Assim a FAB. ficou ligada à tal de missão americana que agora é dona absoluta de todo o Parima.

Mas os americanos intrusos, são mesmo missionários ou são disfarçados? A resposta não é tão difícil. Missionários geralmente são sempre educados e sabem respeitar as leis das nações que os recebem. O caso porém da tal missão evangélica americana, entrou sem licença nenhuma, de forma ilegal, houve apreensão de aparelhos etc, de maneira que deixamos o julgamento da resposta a critério do leitor ilustre.

Isso porém, não afeta o nosso trabalho missionário, antes nos estimula a trabalhar com mais ânimo no serviço do Senhor, pois a FAB está disposta a nos ajudar em tudo se nós fundarmos uma missão no Parima.

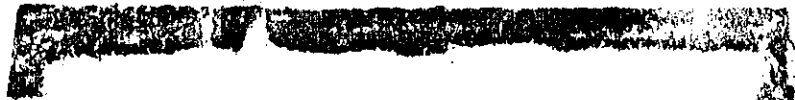
Vou agora dar uma relação rápida sôbre o Oeste riobranquense que é o Parima. Um dia depois sem muito desejar, tive a oportunidade de ir ao Parima lendário.

Eu representava nada mais que o Snr. Bispo. Era a primeira vez que um padre entrava num reino que há tempos imemoráveis era de sataná. Meia hora de voo e estávamos em Santa Rosa, base aérea à beira da grande floresta. Santa Rosa é lugar conhecido, pois muitas vezes passamos de cavalo para a desobriga, é uma das capelas, ou malocas mais perto. De Santa Rosa, decolamos e rumamos para a Serra do Marutani a uma hora e dez minutos de Santa Rosa. A mata é sempre igual, com raras elevações rochosas. O Rio Urariquera abre-se para formar a grande ilha de Maracá e depois fecha novamente os braços para seguir encachoeirado até às nascentes. No Marutani, lugar chamado de Aicás devido aos índios aicás ou Waikás. Além está a séde da missão evangélica protestante, ou missão mineralógica do Parima. Fomos bem recebidos pelos americanos, que educação tem de sobra. O campo fora rasgado pela Fab no meio da maior dificuldade, no meio da mata fechada. Índios ninguém os viu, porque estavam caçando muito longe. A casa dos americanos, não é muito grande, mas tem tudo que um cidadão desejar: Tem rádio transmissor e receptor, máquina de lavar roupa, fogão a gaz outras máquinas domésticas, só faltando a televisão. Possuem casas cercadas de tela fina para evitar entrada de mosquitos, sobrados altos para fugir de perigosos répteis e da perigosa onça. Os índios continuam como antes, comendo seus beijos, ralando nas pedras suas farinhas etc. De maneira que não fazem esse grande movimento que nos possa assustar.

Depois de um gostoso café, partimos para outro campo. Matas imensas, sulcadas de pequenos canais e salpicadas de montes rochosos e lindas cachoeiras. Agora o panorama começa ficar montanhoso, sinal que se aproxima a serra do Parima. Depois de meia hora de voo, a mata começou farear e aparecer manchas de campo verdejante. Estávamos a quatro mil pés de altura e voavamos tão baixo que roçávamos as pontas das árvores. Mas fazia um frio que até parecia minha terra. Estrangulada entre as serras, numa encada poética, cercada de cascatas brancas, está a maloca dos índios xamantaris. Foi dado o nome de Parima A Não pousamos no campo do Parima A pois não estava ainda em condições de receber um bits bimotor. Somente agora percebi que estávamos escoltados por um caça N.A. que fazia nossa cobertura de perto. Que maravilha ver um avião voando ao lado da gente. Parece estar parado. Continuamos voando e deleitando os olhos com aquelas paragens novas e luxuriantes da Serra do Parima. Estamos agora sobre o pico mais alto da serra. Que maravilha, é o que posso dizer. Estamos agora avistando o lugar onde caiu o helicóptero da Fab. Os escombros do sinistrado aparelho, paracem uma cascada perdida no meio do campo. A sorte é que

Serra do Sarucucu, índios
Uaicás. O primeiro a saltar
do avião, foi o Padre Mis-
sionário, que os índios sou-
beram ser o pagé dos brancos.
Trouxeram suas oferendas:
Cana, bananas grandes, popunha.
Receberam outros presentes
em troca: Facões, facas, espê-
lhos, tangas coloridas, missan-
gas, perfumes, brincos, pentes,
fósforos e outras coisinhas
que o pobre do missionário
conseguiu levar.
Mas o presente maior que o
missionário levou para os
índios, foi a amizade.

Agora já todos contentes
e de facas à mão, recebem
instruções do Cel. Camarão,
que lhes explica o avião.
Aquele bicho medonho que
voa alto e faz muito barulho,
não é tão perigoso, não
morde e nem come. As mãos sel-
vagens e curiosas, passam
sôbre a lataria quente do
bimotor, apalpa-se as élices,
tudo foi bem determinado,
mas os selvículas não esta-
vam muito confiados naquele
centro tão paradisíaco, mas



São tôdas belas e carinho-
sas as mães de todo mundo.
e as crianças ...inocentes.

"Son tutte belle le mamme
del mondo" Tôdas as mães
do mundo, são sempre belas.
Também as mães indígenas
do Parima, são belas e cari-
nhosas como tôdas as outras
do mundo.

Pobres, sem os vestidos lu-
xuosos de muitas mães, des-
calças e ignorantes, são to-
davia mestras na grande arte
de donas de casa. Fidelíssimas
a seus esposos, terníssimas
com seus filhos, trabalhadoras
incansáveis, podem ser postas
como exemplo a tantas mães
das grandes cidades.

Também as mulheres levam a ton-
sura na cabeça. A que ordem per-
tençam, não sei.

De estatura mediano-baixa, gor-
das e fortes, as mulheres do Pa-
rima, têm muitos filhos, tam-
bém robustos e bonitos.

Não foi tão fácil adquirir esta
foto. As mulheres não se deixam
fotografar de jeito nenhum, e
os maridos são extremamente
reluctantes. Mas sendo que o
padre estava de batina, apare-
ceu diferente dos outros e com
nil artifícios a objetiva co-
lheu a figura simples e sim-
pática de duas mães Uaicás.
E que as mães civilizadas lem-
brem-se delas sempre...

Mais um minutinho e vimos outro campo de pouso, o Parima B. Lindo lugar cercado de cascatas de água quase gelada, muitos picos altos e muito campo natural. Parece o paraíso terrestre. Faz muito frio e a água é fria mesmo. Mas vamos aos índios. Ao chegarmos, uma turma muito grande de índios, nus, nos esperava. Ao abrir-se a porta, fomos recebidos festivamente pelos selvagens que começaram batendo nas costas e no peito. Eu, para efeito psicológico, tinha a batina e o crucifixo ao peito (no interior sempre andamos à paizana) capacete branco. Não podem imaginar quantos abraços e exclamações. Nem eu sabia que coisas diziam de mim, acho que gostavam muito porque estavam sempre ao meu lado. Minha batina branca ficou vermelha de tanto urucu. (urucu é uma tinta que usam para tingir o corpo.) Estava também o Snr. Governador, mas ninguém pode arrancar os índios de perto do pagé branco que era o Padre Missionário.

Para pagar tanta boa vontade e tanta confiança no missionário de Cristo, abri minha maleta e comecei distribuir presentinhos. Espelhos, colares, pentes, anzois, brincos e panos coloridos para tangas. Como ficaram contentes. pulavam de alegria. Peguei muitos vidros de perfume e começando pelo cacique, derramei o perfume sobre a cabeça e comecei pentear-lhe os cabelos. Pronto, todos queriam ficar perfumados. Pois bem todos ficaram cheirando de mil cheiros. Engraçado é que usam a tonçura como ~~as~~ franciscanos menores. Apenas conservam uma linha de quatro dedos de cabelos ao redor da cabeça. Para o tuchau (cacique) dei um espelho maior coisa que o alegrou sobremaneira. Tirou a coroa da cabeça e a deu a mim, e mandou que o filho dele tirasse os brinços de penas coloridas e nos entregasse. Recebimos com prazer e ainda os conservo.

Deram-me flechas, arcos, cana popunha e tudo o que possuíam ofereceram ao Padre. Os índios não fazem tatuagens, mas gostam de se encher de tintas e colares. gostam imensamente de facas e canivetes e outros metais afiados. Andam completamente nus, conseravando todavia um recato natural muito louvável. Não havia nem mulheres e nem crianças que ficaram em casa. Depois de uma hora de gestos e mímicas, travamos uma conversa bem animada e todos ficaram meus amigos. Partimos agora para outro campo (o Surucucus) nome da Serra do mesmo nome.

É a parte mais alta da serra e mais abitada de indígenas Paruaris. O campo é a continuação do outro, mas percebe-se o aumento da mata, pois começa a grande mata amazônica. Estamos perto das nascentes do rio Catrimani e Mucajai. Não é possível descrever, é preciso ver. Fico, até doente sabendo que somente eu vi e não posso narrar as coisas que vi. Serras e vales, matas e campos, flôres e cascatas, misturam-se numa harmoniosa apoteose de cenas. Parece um outro mundo. Para completar o belo, no campo nos esperavam uns cinquentas índios. Vestidos de plumas uns, nus os outros, estavam os selvagens, boquiabertos perante a descida do rio que nunca viram ni chão. Nunca tinham visto tanta beleza.

ali estava ele com suas asas grandes grandes, com um nariz grosso e duas barbas com catavento na ponta. Só podia ser de espanto. E foi. Descemos. A custo os índios achegaram-se ao aparêlho e nos cumprimentaram sempre desconfiados. Poucos minutos depois, todos estavam ao nosso redor e nos batiam no peito e nas costas como os do Parima B.

Parecem todos irmãos. Vestem a mesma roupa, falam a mesma língua, teem o mesmo corte de cabelos e gostam muito do branco. Como gostam dos civilizados! Como querem demonstrar de todos os modos o afeto e o respeito ao branco que eles acham tão bonito e forte. Parece a chegada de Cristóvão Colombo na América.

Pena é que essa intimidade seja um dia qualquer empanada e quebrada pela insulência dos esganados e cubiçosos brancos. Não havia mulheres no campo, estavam porém escondidas no mato, esperando o resultado das conversações dos homens com o brancos. Tendo sido feliz o encontro, o cacique deu um assovio e apareceu na orla da mata, uma fila de mulheres índias espiando tímidas para o aparêlho que estava parado na pista. Foi preciso muito assovio para que se decidissem de chegar mais perto. Finalmente apareceram com suas crianças ao colo até perto de n

Que maravilha. Que sena digna de um pintor... As donas, cada qual levando nos braços o fruto de sua fidelidade conjugal, vinham desconfiadas e temerosas.

Nenhuma roupa as cobria a não ser uma leve franja de fios raros e finos que r da significavam. Mas mesmo assim quanto recato, quanto respeito e quanta discrição. Índias gordas e fortes, de estatura mediana-baixa, tôdas coloridas de urucu traziam pendurados ao colo, meninos igualmente gordos e bonitos. Distribuí muitos presentinhos também aos índios do Surucucu, principalmente brincos, fósforos e tras missangas.

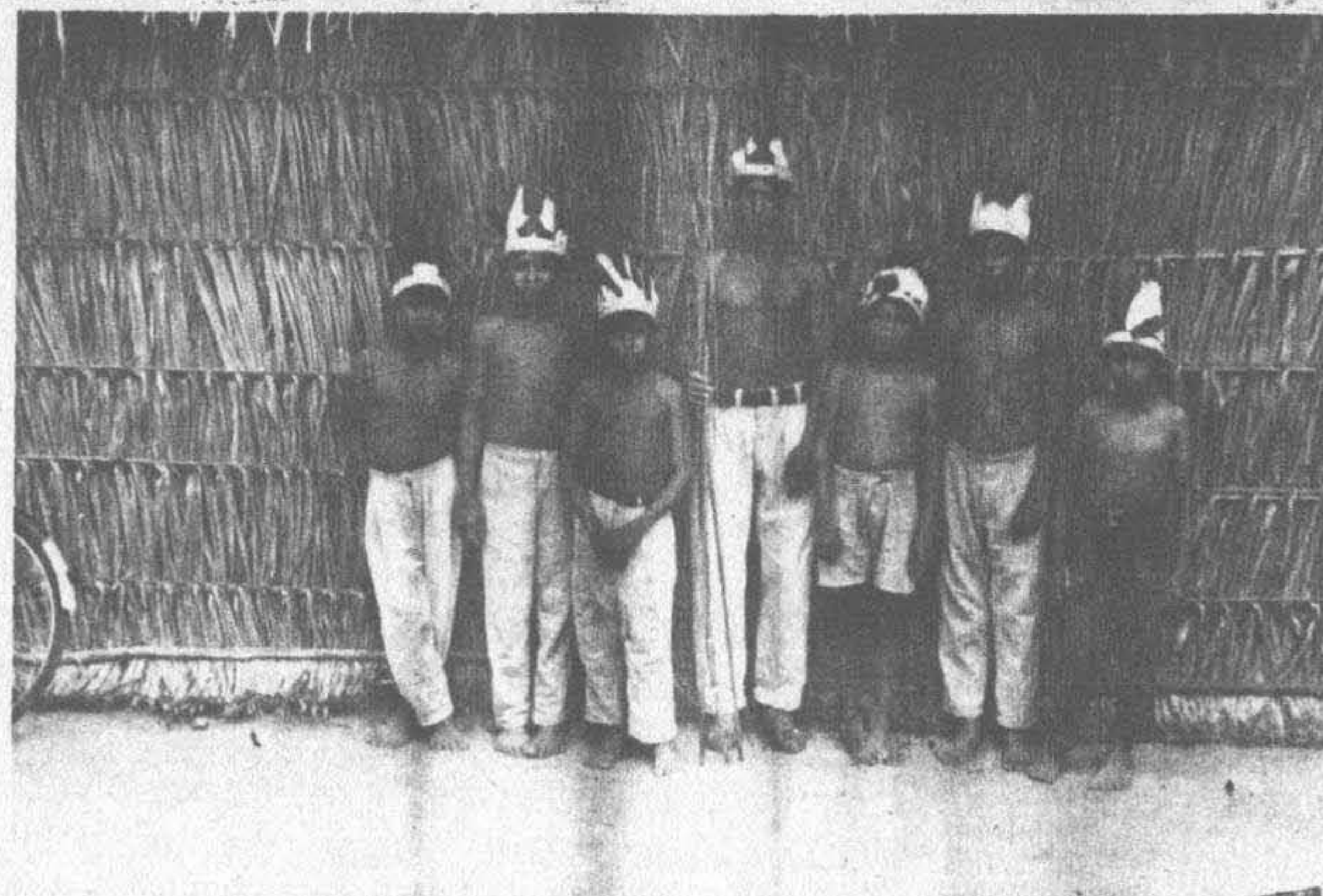
Depois de muitos abraços e salamaleques iam os partir para casa. Pucha, estava quecendo uma coisa de importância. Na Serra do Surucucu, os índios me consideraram o grande pagé dos brancos e me deram muitos presentes; Bananas, pupunha, muita cana e tantas outras coisas para comer. Pus tudo no avião e assim fiquei contentes. Deram poucas palmadas nas mãos, sinal que querem que os dias de separação sejam breves.

O caça foi o primeiro a partir. O tenente X, subiu a nave e começou por em movimento o motor. Até que a hélice girava com a força da bateria, os índios ficaram olhar, mas quando deitou de fazer "zee zee zee zee" e começou a fazer trrrru a coisa mudou. Começaram as mulheres a se afastar como quem teme um monstro deluviano. Quando então o motor girou com força e a vento começou arrancar as folhas e capim, não aguentaram mais. Era mulher em toda a direção, de pernas para o ar caíam e levantavam com filhos e sacolas, até alcansarem o mato, onde sumiram uma vez. Os homens que pareciam mais corajosos, olharam para nós para ver se nos medo e depois, ao ver que o monstro parecia o mesmo e não se lançava as azas, de

Os índios embora civilizados, conservam os costumes e o modo de viver dos antigos pais. O caxiri, a damorida, as danças e as caças coletivas.

As danças são feitas com enfeites e bebidas. O tuchau e o pagé, dirigem a dança. Acende-se uma fogueira no meio do terreiro encosta-se o cocho do caxiri e sobre as brasas a caça (veado ou anta..) e a dança começa. De quando em quando uma cuia de caxiri, uma beliscada de carne e "o páu torra" até acabar.

Na foto de cima, um tuchau com os filhos e sobrinhos, coroados com plumas.



Ve-se ao lado a bec. do missionário

Depois da Santa missa e de terem comungado a Santa Hóstia, por que não deixá-los brincar um pouco à sua maneira?

Tuchau Casemiro, soberbo, de arco e flechas em punho, lembra com seus filhos o tempo passado e as glórias de seus ante-passados.

Casemiro, não é só chefe, é mais um ótimo católico e um exemplar pai de família e professor de seus patrícios. Ele é Japixana tinindo...

O avião caça N.A. decolou fragorosamente, passando de rajada bem sôbre a mata onde estavam escondidas as mulheres.

Com geito e bons modos, conseguimos fazer voltar os homens e meninos maiores. Olharam com atenção o avião bimotor parado na pista e se preparavam para assistir a saída sem fazer tanta vergonha à raça. Mas tinham razão. O pulo era muito forte, sem terem visto carro de bois, verem logo o homem voando a cavalo de um bicho tão grande. Mais uns socos nas costas e embarcávamos no bits para o retorno. Tornamos a passar no Marutani, vizemos uma volta de inspecção pelo divisor da Venezuela e seguindo a direção leste, rumamos para Boa Vista, onde chegamos já tarde do dia.

Resultado: Muito entusiasmo para a abertura de um posto avançado, ótima impressão por parte dos militares que pensavam ser a minha ida ao Parima, perigo de briga com os americanos. Só uma coisa resta: Faltam missionários para tal empreendimento. Nunca mais esquecerei a hora ditosa do encontro pessoal com aqueles entes pelos quais tanto esperei e sofri durante o longo tirocínio da minha formação. Não podemos deixar um ponto tão estratégico para a luta missionária e para a o bom nome das missões de Boa Vista perante o público brasileiro. Os índios sabem que o missionário veste diferente dos outros, que não vai para explorar e que o pouco que tem, divide com os outros. Se não for eu o afortunado que vai por a tenda no Parima, pelo menos desejo que o pioneiro seja feliz entre os inocentes índios.

A falta de filmes e de uma boa máquina impediu-me de trazer lindos e preciosos documentos da viagem. O pouco que consegui, foi mediante sacrifícios, pois aqui tudo é caro.

Para findar, renovo meus votos de que tudo aquilo que acabamos de ver não fique no papel, mas seja posto em ação. Precisamos mais pessoal, mais fôrça, para desempenharmos com eficiência a grande tarefa que aceitamos da Santa Igreja. Esperamos que a crise de missionários no Rio Branco não se perpetue, doutra maneira ficaremos todos nervosos e esgotados, com o risco de perdermos o pouco que foi feito.

Muitos não compreenderão minhas palavras, porque aqui no Rio Branco as dificuldades são tão grandes, que somente trabalhando aqui pode-se avaliar.

Para os que receberam algumas de nossas relações, o nome Tepequém não deve ser desconhecido.

Não podemos nesta pequena e despretenciosa relação do Rio Branco, deixar de mencionar ao menos de leve no famoso Tepequém.

A palavra Tepequém, parece uma adulteração de (Tupã-quém) que seria na língua geral fogueira de Deus, fogueira alta. Ou ainda da palavra (Ita-pé-quem) que seria caminho da pedra quente. De qualquer maneira agora é Tepequém, a famosa mina de diamantes que sustenta quase o Rio Branco.

Saindo de Boa Vista e rumando para o Oeste, encontramos numerosos campos e depois de quarenta minutos de avião, nos defrontamos com imensos paredões graníticos da serra do Tepequém.

A mina que ocupa toda uma bacia circundada de paredes que a separam do resto de terra, está a quase mil metros de altitude e parece que tenha sido conseqüência de algum vulcão apagado. Para quem entra na mina, dá a impressão de uma imensa cratera.

Na mina do Tepequem há rios e cascatas em profusão, serrinhas e precipícios matas e campos.

Parece que foi descoberta por um vaqueiro do Amajari, porém o verdadeiro Colombo, do Tepequém não se sabe que seja, desde que todos se arguem a honra de descobridores. O certo é que é uma terra prodigiosa em diamantes. Cada mês, saem quilos daquela preciosa gema e garante desta maneira a subsistência de duas mil pessoas que lá trabalham para o sonho da riqueza.

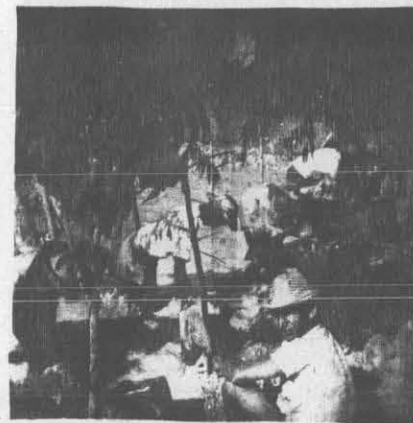
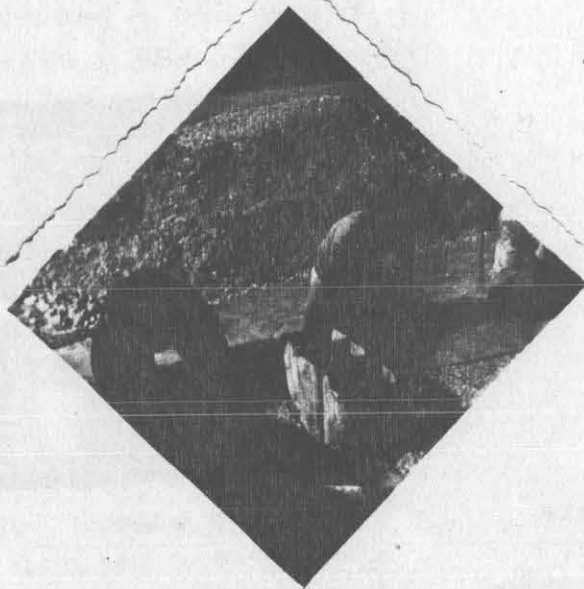
Tepequem é sinónimo de luta insana, pois o garimpeiro é um herói que trabalha dia e noite, esquecido da saúde e da própria alimentação. A única meta é o diamante: Cavam-se túneis profundos, vascolham-se furnas tenebrosas, profundam-se poços enormes, desviam-se rios, pulverizam-se montanhas, sòmete para arrancar da terra generosa a pequena pedra preciosa que faz a cubiça das damas paçacianas; Mergulha-se no fundo dos rios, transportam-se montanhas diria quase, unicamente para buscar a riqueza. O diamante é encontrado no leito dos rios ou nas camadas fundas da terra, misturado ao cascalho. Peneira-se o pedregulho com três peneiras chamadas "terno" dada qual mais fina que a outra, assim depois de um movimento giratório que só um mestre sabe dar, os diamantes existentes naquela peneirada, tomam lugar no fundo da peneira e ao despejar o conteúdo de maneira a emborcar o continente, bem no meio de outras pedras pesadas, um espelho cintila, é o diamante. Se a sorte for boa, então o garimpeiro "bamburrou" e na peneira aparecem muitos pontos brilhantes.

Tive ocasião de entrar numa caverna onde às vezes entram mineiros para a cata de diamantes. Entrei de cabeça para baixo e entre pedras apertadas, uns cin



A vila do Tepequém, ou mina do Tepequém, é um acampamento mais do que uma vila. Acampamento porque não tem firmesa no lugar. A mina é como um acampamento de ciganos, que vai onde há trabalho. A vista acima, é o Tepequém. Pro

Feito o corte nas camadas geológicas, alcançado o cassalho, começa o trabalho de resumir. Uns carregam material, outros peneiram, outros recolhem o diamante. O monte de cassalho está ali. Pode esconder fortunas, pode esconder desenganos.



De duas uma: Milhão ou desilusão



Ô nosso garimpeiro já peneirou duas bateias, falta a terceira. Será que vai dar?



Emborcada a peneira, olhos para o cascalho. Uma faísca..é êle. E o diamante saiu e o garimpeiro pagou o almoço..Deus é Pai.....



Padre Dante, se der alguma coisa, vou almoçar hoje, e se não der nada,... Ai Não é possível, deve dar. Deus é Pai....



Bem o almoço está garantido, agora o negócio é a caçaça. Garimpeiro sem a "aldita" não

Cincoenta metros, depois entrei mais uns metros de gatinhas. Não conseguia respirar. Uma sensação terrível, invadiu meu espírito e sentia-me como que esmagado debaixo daquela montanha de pedras. A caverna continua por mais de trezentos metros, onde atinge o outro lado da serra sobre um despenhadeiro pavoroso. Não, nem que houvesse diamantes do tamanho de uma laranja. Isso não é para mim. Além disso, nas curvas da caverna, debaixo de pedras brilhavam olhos que só podiam ser de jacarés. Lá dentro, feitos poucos metros, reina a escuridão mais densa que se possa sonhar. A respiração fica ofegante e a impossibilidade de virar o corpo. Entra-se de cabeça para a frente e sai-se de ré, pois não há lugar para meia volta.

Graças a Deus voltei e não quero mais meter-me noutra façanha dessas. Todos os dias em tempo de seca, os meninos do lugar, entram e trazem muitos diamantinhos. A caverna tem o nome de boca do diabo, nome bem interpretado. Cada dia muitos diamantes são extraídos e vendidos no lugar mesmo. Muitos garimpeiros enriquecem de um minuto para o outro, poré, felicidade nenhuma. Acredito mesmo que o dinheiro dos diamantes seja amaldiçoado.

Há gente boa que parte de casa e aventura o garimpo. Entra com a máxima boa intensão até que não viu o brilho de um "chibiu" pequeno diamante. Quando porém começa embrenhar-se no labirinto da cubiça, então perde o sentido da moral e começa deslizar para a imoralidade. Raros são os casos em que um garimpeiro entra a garimpar e se conserva isento das misérias que afetam a vida das minas.

Exemplo: Um filho da sorte, depois de longos dias de trabalho, privações e febres, bate numa mancha de diamantes (bamburrou) ou (manchou) ganha em poucas horas um milhão ou mais de cruzeiros. Esquece a família que ao longe está esperando ansiosa o pão, vai ao bar ou ao cabaré e lá banca o rico.

Manda imediatamente descer garrafas de cerveja, vinhos caros e tudo quanto houver nas prateleiras da taverna. Roseia-se de maus elementos, amigos chovem de todos os recantos e o dinheiro vai sumindo. Depois vem a bebedeira, a briga, o roubo e quando amanhece, os bolsos antes tufados de milhões, ficam lisos e secos. Ontem milionário, hoje miserável. E a vida vai recomeçar para depois cair no mesmo desatino.

Esta é a vida de garimpo. Este é o ambiente no qual estou trabalhando a mais de quatro anos, com pouquíssimos frutos. A viagem é feita de avião ou então de pés no chão, porque os paredões de pedra não permitem a subida de nenhum meio. O avião por sua vez, é caro, custando ida e volta a beleza de seis mil Cruze. Mas não me espanto. Estou acostumado a esta vidinha. Quando não tenho dinheiro para pagar minha viagem, vou a pés. No fim das contas, não estou ainda tão aca-

Já começamos uma igreja na vila do Tepequém. Com dificuldades imensas, conseguimos plantar os esteios e cobrir de alumínio a construção, toda de madeira serrada a mão. Agora faltam as paredes. Como viram, está ainda sobre esteios, pois no Tepequém não é possível fazer tijolos. Há muitíssimas pedras, mas o cimento vem custar no Tepequém, três mil Cruzeiros ao saco. Estou quase inclinado a fechar a igreja com tábuas. Seja como for, toda a economia não sairá por menos de trezentos mil Cruzeiros. É coisa pesada para gente pobre, mas não vamos desanimar por isso. Se cada garimpeiro desse um pouco do que gasta com tanta profusão nas casas de pecado, a igreja seria feita num dia. Mas não enxergam as coisas de Deus aqueles que servem o pecado.

Pois é meus amigos, este é o Tepequem decantado. De longe, fita e renda, de perto Deus me defenda. Os outros garimpos do Cotingo, Laú, Wailan e muitos que há por aqui, são todos no mesmo regime.

Preços da vida: Uma galinha custa na mina, oitocentos cruzeiros.

Um ovo, vinte e cinco Cr\$

Uma cerveja 250,00 ~ 300,00

Um tomate regular, 80,00

E assim por dentro naquela moda. O que não custa no Tepequem, é uma facada na barriga, uma bala na cabeça, uma batida na carteira etccc.. Como estão vendo, nem tudo é caro nas minas. O resto, quando estiverem aqui, verão o resto....?

Post Script.

Cheguei ontem de noite de uma viagem do Tepequém. Que maravilha! Foi um vôo de uma hora de avião Cesna 95. A descida porém, i. é, a aterragem foi terrível. Quando entramos; atrás de nós estava o tempo mais escuro e feio, e pela frente, uma chuva fechava já a visibilidade do campo. O geito era descer. Uns mil metros antes de entrarmos na pista, a chuva enbaçou o para-brisa da cabine e a aterrissagem continuou às cegas. Graças a Deus e à perícia do piloto ainda posso contar a história. (o campo está circundado de pedras)

A ida foi de avião, mas a volta foi de mocotó-cicleta, ou de pés. Por bondade de Deus, depois de vinte horas de viagem, encontrei uma lancha que do Rio Ura riquera trouxe-me a Boa Vista. Havia uma lama "de morte". A última hora de estrada, devia tê-la feito a cavalo, mas ao atravessar um rio a váu, o cavalo escorregou numa lage de pedra lisa e mergulhamos eu e compadre cavalo e tudo o que ia na maca de viagem. Felizmente o Breviário e a máquina fotogr. estando envolvidos numa grossa toalha, cada um ficou seco e salvo.

Boa Vista 7 de Setembro de 1961

Queridos superiores, estimados colegas e saudosos seminaristas,

Salve Maria SS. Consolata nossa Mãe e Padroeira

Com muito sacrifício e contra-tempo, consegui ajuntar este amontoado de páginas de relação missionária. Não é certamente coisa artística e bem apresentada; Reconheço antes ser indigna e pobre. Certo porém da compreensão de todos, atrevo-me deixar sair de minhas mãos estas páginas mal escritas e redigidas aos pedaços.

As fotografias foram colhidas durante várias viagens e reveladas por outros, sem o carinho necessário e por preços exorbitantes.

A parte gramatical então é um cemitério de erros, seja por falta de prática na máquina, seja também (sejamos sinceros) por esquecimento de muitas regras da minha gloriosa língua, pois já perdi o frescor da gramática portuguesa. Creio todavia de estar em dia pelo menos com as exigências primárias da educação.

Enquanto estas páginas seguem para o Sul, eu vou partir para o Norte, embrenhando-me no sertão imenso, para uma viagem de desobriga.

Passarei por muitas malocas, cruzarei muitos rios, subirei muitas serras, levando a contribuição missionária à seara do Grande Senhor Jesus.

Na minha pessoa porém, estarão todos aqueles que comigo vivem o mesmo ideal missionário, todos os superiores distantes, todos os colegas que lutam na formação das vocações e finalmente os seminaristas que anseiam o meu lugar.

Sim, sei de não estar só, sei de estar acompanhado de preces de quantos amam as missões.

Enquanto aqui na cidade o Padre Antônio Curti, e outros se fazem tudo para todos, outros corremos o interior desafiando sol e chuva, febres e miasmas.

Aos queridos seminaristas pois, um grande abraço e uma palavra de animação: Não percam tempo, estejam de prontidão, como verdadeiros pracinhas sempre prontos ao combate que virá certamente. Não creio necessário dar-lhes injeções de entusiasmo, pois lá estão os superiores que mais cabalmente o podem fazer, e Jesus é a maior fogueira para por em ebulição um coração missionário.

Quanto a nós daqui, lutaremos até que Deus nos der forças. Assim se um dia formos encostados como inúteis, não queremos seja por causa da ferrugem da inação, mas por causa do desgaste no trabalho.

Obrigado por alguma carta e alguma prece.

Deus e Nossa Senhora Consolata estejam sempre no meio de nós e nos cubram com suas bênçãos celestiais.

De todos servo em Cristo e Maria ..